



MENEZES, Luara Carvalho Fontes; LIMA, Raquel Pereira de. *Anchieta ou o Evangelho nas selvas*: tessituras mítico-históricas dos heróis da narrativa. In: *Revista Épicas*. Ano 6, N. 11, Jun 22, p. 17-32. ISSN 2527-080-X.

DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2022v11.1732>

ANCHIETA OU O EVANGELHO NAS SELVAS: AS TESSITURAS MÍTICO-HISTÓRICAS DOS HERÓIS DA NARRATIVA

ANCHIETA OU O EVANGELHO NAS SELVAS: THE MYTHICO-HISTORIC STRUCTURES OF THE NARRATIVE'S HEROES

Luara Carvalho Fontes Menezes (UFS)¹
Raquel Pereira de Lima (UFS)²

RESUMO: Esta pesquisa traz à discussão um recorte da produção épica brasileira, ao analisar a obra *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas* (1875), do poeta carioca Fagundes Varela, que, apesar de ser alvo de críticas severas, é tida aqui como potência literária e histórica. Com isso, o presente trabalho tem por finalidade a revisão crítica da epopeia, além de analisar, interpretar e elencar as passagens, por meio das lentes épicas, em que José de Anchieta e a figura de Jesus são descritos. Para tal, a linha metodológica utilizada é baseada no levantamento do estado da arte sobre o que já foi discutido sobre o tema e a análise de trechos em que as figuras dos heróis aparecem. Trazemos, para além do diálogo com Anazildo Vasconcelos (2007), demais pesquisadores para suporte teórico, a exemplo de Antonio Candido (2006), Massaud Moisés (2012), Christina Ramalho (2004;2017;2021), entre outros. As análises sugeridas versam sobre a forma com que os paralelos entre Anchieta e Jesus como “salvadores” e Anchieta e João Batista como anunciadores do Mestre trazem um outro olhar para a obra. A emanção das reflexões deste artigo não aduz respostas fechadas e estanques, mas mobiliza o conhecimento para acréscimo de possibilidades de leitura da obra de Fagundes Varela, a fim de contribuir com os saberes relacionados aos estudos épicos.

Palavras-chave: *Anchieta ou O Evangelho nas Selvas*, Fagundes Varela, estudos épicos, epopeia cristã, literatura brasileira.

1 Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Orcid: 0000-0002-4840-8801. E-mail: luamandala7@gmail.com.

2 Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orcid: 0000-0001-7438-8165. E-mail: raquellima10@yahoo.com.br.

ABSTRACT: This research brings to the discussion a cut of the Brazilian epic production, by analyzing the work *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas* (1875), from the poet Fagundes Varela, native of Rio de Janeiro, whom, despite being target of severe criticism, is considered here as a literary and historical power. With that, the present work aims to critically revise the epic, besides analyze, interpret and list the passages, through epic lenses, in which José de Anchieta and the figure of Jesus are described. To this end, the methodological line used is based on a survey of the state of art about what has already been discussed on the topic and an analysis of passages in which the heroes make themselves present. We bring, in addition to the dialogue with Anazildo Vasconcelos (2007), other researchers for theoretical support, such as Antonio Candido (2006), Massaud Moisés (2012), Christina Ramalho (2004;2017;2021), among others. The suggested analyses deal with the way in which the parallels between Anchieta and Jesus as “saviors” and Anchieta and João Batista as the Master’s announcers bring a different look to the work. The emanation of the reflections of this article does not adduce closed and sealed answers, but mobilizes the knowledge to increase reading possibilities of Fagundes Varela’s work, in order to contribute with the knowledge related to epic studies.

Keywords: *Anchieta ou O Evangelho nas Selvas*, Fagundes Varela, epic studies, christian epic, Brazilian literature.

Introdução

Antes de adentrarmos na definição e nas peculiaridades da epopeia, é preciso irmos à fonte em que a humanidade bebeu das primeiras águas. É na *Poética* de Aristóteles (2008, p. 76), cerca de 300 a.C., que há a definição do gênero épico, o autor entende esse tipo de texto: “[...] com pluralidade de histórias — como se alguém, por exemplo, dramatizasse todo o enredo da *Ilíada*. Na epopeia, devido à sua amplitude, as partes recebem o desenvolvimento apropriado”. Assim sendo, o texto épico é dotado de narrativas diversas, em versos, que nos permitem adentrar no universo de vários personagens, pois, por ser de composição extensa e complexa, temos espaço para fruir em suas linhas.

Na Grécia antiga o ser humano sente a necessidade de compartilhar histórias e, conseqüentemente, de preservar a memória coletiva. Todo e qualquer feito acima do homem comum o alçava ao lugar de herói, e, valendo-se da matéria mítica, toda a estrutura narrativa e escolha lexical faziam com que esses escritos se tornassem imortais, ainda que haja, atualmente, o pensamento errôneo de que a epopeia não mais encontra lugar na pós-modernidade. Ela ainda é possibilidade potente de expressão da natureza humana.

A palavra, ao passo que é pedra sólida que permanece impassível ao passar dos anos, também é água que toma a forma do vaso que a conserva. Assim, é preciso entender que os gêneros literários, mais especificamente a epopeia, irão possuir tamanha fluidez em suas verbes discursivas ao passar dos tempos, o que não as tornarão “menos” epopeias. O discurso épico irá ser fruto de dois planos, o maravilhoso e o histórico (SILVA; RAMALHO, 2007), e é imergido nesse plano literário que a figura do herói ganha vulto:

são pessoas que se afastaram da sociedade que poderia protegê-las e ingressaram na floresta densa, no mundo do fogo e da experiência original. A experiência original é aquela que ainda não foi interpretada por você; assim, você tem que reconstruir sua vida por você mesmo. Você pode encará-la, ou não, e não precisa afastar-se demais do caminho conhecido para se ver em situações muito difíceis. A coragem de enfrentar julgamentos e trazer todo um novo conjunto de possibilidades para o campo da experiência interpretável, para serem experimentadas por outras pessoas – é essa a façanha do herói (CAMPBELL, 2001, p. 43).

Significativo pensar, também, que, ao classificarmos e taxarmos conceitos acerca do épico, sempre recaímos em um entrave, em uma limitação, visto o último ter tamanha fluidez e dimensão na literatura. Conforme Brandão (2010, p. 40):

o épico não se limita a uma forma literária, cultivada em determinadas ocasiões de modos diversos, mas é um componente fundamental de um conjunto maior que direciona e informa a percepção que temos da realidade.

Ainda em se tratando da fluidez que o gênero possui, Silva (2017, p. 11) nos reforça esse hibridismo que lhe é peculiar:

o discurso épico caracteriza-se por sua natureza híbrida, isto é, por apresentar uma dupla instância de enunciação, a narrativa e a lírica, mesclando, por isso mesmo, em suas manifestações, os gêneros narrativo e lírico. Daí a presença na epopeia de um narrador e de um eu lírico, ou melhor, de uma instância de enunciação híbrida, nomeada eu lírico/narrador.

A obra *Grandes epopeias da antiguidade e do medievo* (2014), organizada pelo pesquisador Dominique Santos, sugere a leitura do épico “guiada” por três bases, fundamentais para o entendimento do leitor deslocado do espaço-tempo em que a obra foi produzida. A saber: 1. O épico como gênero, entendendo-se a classificação de obras que compartilham características similares; 2. O épico como forma, no que diz respeito à análise da obra em questão, levando-se em conta seu contexto histórico e a configuração que lhe é específica, como a divisão dos capítulos e o número de versos; 3. A temática épica, que não precisando necessariamente tratar-se de literatura, é possível constatar a matéria épica, permeada de heróis e grandes feitos.

Em se tratando de matéria épica, por sua vez, torna-se fundamental apontar aqui a diferença entre essa e a epopeia, visto que com grande frequência ambas são tidas como sinônimos:

cabe, ainda, lembrar que matéria épica e epopeia não são sinônimos. A epopeia é uma realização específica de uma matéria épica, ou seja, é uma manifestação literária, em forma de poema longo, no qual se reconhecem a dupla instância de enunciação (assumida pelo eu-lírico/narrador), o plano histórico, o plano maravilhoso, e, claro, uma matéria épica, que deriva da fusão das dimensões real e mítica de um evento, representadas, respectivamente, por esses planos. Já a matéria épica, em si mesma, é uma temática caracterizada por essa fusão, mas que pode ser expressa, artisticamente, de diversas formas. Um romance, por exemplo, pode conter uma matéria épica. Contudo, chamá-lo de epopeia é um equívoco, já que o mesmo não possui a dupla instância de enunciação, ou seja, não é um poema que contenha um eu-lírico/narrador (RAMALHO, 2017, p. 26).

Logo, é preciso entender a matéria épica enquanto o “espírito” que toma o “corpo” do gênero textual, podendo ele ser uma epopeia ou não, visto que é possível observar representações pictóricas que também possuem a essência épica. A epopeia trata-se da materialidade histórico-mítico, que obedece às características do gênero, enquanto a matéria épica trata-se do tema e da maneira com a qual ele funde os planos histórico e maravilhoso.

Luiz Nicolau Fagundes Varela: breve contextualização

Tua glória é certa.
Foste um dos primeiros homens do teu país.
Eu não te lastimo, não. Invejo-te.
Ferreira de Meneses

Não há como falar das obras de Luiz Nicolau Fagundes Varela, sem visitarmos dados biográficos do autor, pois segundo Cavalheiro (1943, p. 27), “poucas vidas se refletem com tanta nitidez na obra realizada como a deste poeta. Uma é bem o reflexo da outra. Vida irregular, cheia de altos e baixos; obra também irregular, com seus momentos felizes e infelizes”. Fagundes Varela nasceu em Rio Claro/RJ no dia 17 de agosto de 1841 e morreu em Niterói em 18 de fevereiro do ano de 1875. Situado na segunda geração romântica, foi um poeta de vida efêmera. Morreu aos 33 anos e meio de um edema cerebral deixando-nos com as obras: *Noturnas* (1860), *Vozes da América* (1864), *O Estandarte Auriverde* (1863), *Cantos e Fantasias* (1865), *Cantos Meridionais* (1869), *Cantos do Ermo e da Cidade* (1869), *Anchieta ou O Evangelho nas Selvas* (1875), *Diário de Lázaro* (1880) e *Cantos Religiosos* (1878). Os três últimos foram publicados postumamente.

Desde criança, por questões de trabalho de seu pai, precisou morar na Província de Goiás. Lá, teve educação domiciliar. Anos depois, a família passa a residir em Niterói. Neste período, Varela já conseguia traduzir do francês e do latim, bem como já ensaiava alguns poemas. Vale ressaltar que, para o poeta, este período de exílio nunca foi esquecido e foi duramente condenado em seus versos. Edgard Cavalheiro (1943, p. 27-28), sobre a repercussão da viagem com o pai e a influência em sua obra, nos diz que

mais ainda do que os momentos felizes, esses dias e meses de solidão marcaram o temperamento de Luís Nicolau. Convém insistir neste ponto, uma vez que os anos que se seguiram foram marcados por um amor arraigado à solidão, às longas e intermináveis caminhadas pelos campos desertos, sem outro companheiro além de um pobre cão e da garrafa da cachaça. Muito daquilo que constituirá o conjunto da sua personalidade tem suas raízes nesta estafante e terrível viagem.

Com uma vida declaradamente libertina, “mal chegado à capital paulista, entregou-se de corpo e alma à mais desregrada boemia, metendo-se em serenatas e pagodeiras, e pouco ligando aos estudos” (CAVALHEIRO, 1943, p. 28). Casa-se e, como consequência de sua vida festiva, não consegue se estabilizar financeiramente. Ainda sofre com a perda de seu primogênito, nascido há três meses. Após este evento doloroso, escreve um de seus mais conhecidos e bem elogiado poema, *Cântico do Calvário*, dedicado à memória de seu filho. Para Cavalheiro (1943, p. 29), é “uma das mais altas composições não somente da lírica do poeta, como também da própria poesia brasileira”. Viúvo, casa-se pela segunda vez e mantém uma vida “ociosa e instável” (LEVIN, 2003, p. LXIV) sendo sustentado pela família. Como fruto deste casamento, tem duas filhas e um filho que morre logo que nasce.

Apesar de ter vivido pouco, sua existência se destaca por ser “dramática e acidentada” (CAVALHEIRO, 1943, p. 27). Cavalheiro (1943, p. 27) afirma que “Varela mal chegou a ser estudante. Foi poeta e nada mais”. Fato de coincidência com Azevedo e Alves, que também não terminaram o curso de Direito.

Muitos são os temas abordados em sua obra, porém, delimitá-lo é algo que não condiz com sua produção eclética. “Não há erro maior do que classificá-lo nesta ou naquela modalidade poética. Sertanista, bucólico, lírico [...], paisagista, místico, épico, descritivo, humorista, tudo foi ele, um pouco de cada vez” (CAVALHEIRO, 1943, p. 31). Cada assunto, reflete períodos da vida do Fagundes. Ao conhecer a trajetória do poeta, pensamos que ele não fez nada de proveitoso além de festas e momentos de reclusão, porém, quando nos deparamos com sua epopeia e seus livros de poesias, percebemos que apesar de suas experiências e frustrações na vida, ele conseguiu ser um autor de uma obra rica e com técnicas amadurecidas.

Afrânio Coutinho e Eduardo Coutinho (1986, p. 191) nos dizem que “nem era possível esperar que, com a vida, dispersiva que levou e a escassa cultura que possuía, se concentrasse o poeta no aspecto formal de seus versos”. Para nós, tal fala é equivocada, pois afirmar que Varela não tinha uma cultura ampla, é desconsiderar as experiências de leitura em outras línguas que possuía, ao acesso a diversos tipos de livros e o tempo que morou fora do país. Tal fala limita a cultura do poeta à ausência de um diploma de bacharel em Direito.

José de Anchieta: muito além da catequização

Oh! Não é ele o Apóstolo das selvas!
[...]
A doce voz que clama no deserto!
Onde vagueia convertendo os povos
O sucessor egrégio do Batista!³
(VARELA, 1875, p. 325)

Em vista de melhorar a saúde debilitada, o padre jesuíta José de Anchieta escolheu o Brasil para residir nos idos de 1553. Logo se tornaria figura de extrema importância para a catequização dos indígenas, utilizando-se de teatros e festas como forma de aproximar o evangelho ao contexto dos nativos. O clérigo buscou compreender a realidade em que estava inserido. Para isso, aprendeu a língua vigente, o que fez com que posteriormente elaborasse uma gramática Tupi.

Assim como Fagundes Varela, quem o traz como personagem que intitula a obra em análise, Anchieta também possuía aproximação com a poesia. Sua produção poética, épica ou lírica, bem como seus escritos voltados para o teatro, sempre tinham como pretexto a difusão dos ensinamentos católicos. Tal fato bem configura a literatura quinhentista, produzida no início do século XVI, que possui como principais representantes, além de Anchieta, Padre Manuel da Nóbrega e Pero Vaz de Caminha.

Vale destacar que José de Anchieta também escreveu uma epopeia, intitulada *Os feitos de Mem de Sá*, editada em 1563, que trata das ações do terceiro governador-geral do Brasil, Mem de Sá, representado com todo o mítico e sobrenatural que um herói épico carrega, salvando o país da “escuridão pagã”. Escrita

³ A versão do poema que utilizamos é a do ano 1875. Contudo, para este trabalho, optamos por transcrever os versos com o modo mais atual da língua, respeitando as regras de uso de hífen e a ortografia hodierna

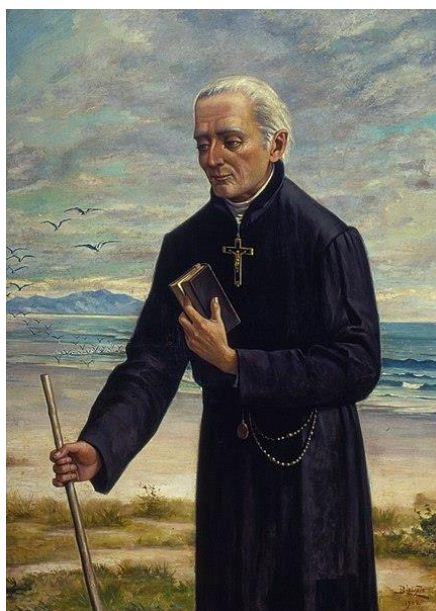
em latim, a obra tem em sua composição claras inspirações das epopeias da Antiguidade Clássica, como o hexâmetro dactílico utilizado, por exemplo, na *Ilíada* e na *Odisseia* de Homero e na *Eneida* de Virgílio.

O jesuíta pertence ao imaginário mítico brasileiro, isto faz com que circule na memória do povo fantasias a seu respeito. Supomos que duas delas sejam as mesmas que Fagundes Varela e Benedito Calixto representaram. O primeiro, nos versos de *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas* (1875), e o segundo, nas pinturas intituladas *O Poema de Anchieta* (1901) e *Retrato do Padre José de Anchieta* (1902). A seguir, os trechos e as pinturas que se entrecruzam:



CALIXTO, Benedito. O Poema de Anchieta. 1901. Óleo sobre tela, 68×96 cm.

Alma inspirada de Anchieta ilustre,
Espírito do apóstolo das selvas!
Sábio e cantor, luzeiro do futuro!
Tu, que nas solidões do Novo Mundo
Sobre as alvas areias, borrifadas
Das escumas do mar, traçaste os versos
Do – poema da Virgem – e ensinaste
Aos povos do deserto a lei sublime [...]
(VARELA, 1875, p. 12)



CALIXTO, Benedito. Retrato do Padre José de Anchieta. 1902. Óleo sobre tela, 140,5x101,0 cm.

Do maná do Evangelho sequiosas,
Em frente da cabana hospitaleira
De sábio missionário, em idas eras,
Quando o colosso – América – sorria,
Apertando feliz nos meigos braços
A imagem de Jesus – o Mestre, e a Bíblia
(VARELA, 1875, p. 7)

Benedito Calixto (1853-1927), pintor nascido em São Paulo, além de historiador e professor, tinha a paisagem como temática principal em suas obras, utilizando-se sempre de uma paleta de cores fiel às características do local que representava. Como desde jovem, por conta de influências familiares, possuía aproximação com a Igreja Católica, retratou o Padre José de Anchieta em dois momentos significativos de sua história.

A primeira obra, intitulada *O Poema de Anchieta*, faz menção à passagem em que o jesuíta escreve sobre as areias de Ubatuba *O Poema à Virgem*. Rodeado por pessoas que desconheciam o cristianismo, Anchieta manteve-se firme em seu propósito, atuando como um grande mensageiro, assim como João Batista na Bíblia, catequizando os indígenas de forma pacífica e pregando a fé católica reiteradamente. Na segunda pintura, *Retrato do Padre José de Anchieta*, conforme narra o texto de Varela, vemos o “sábio missionário” com a Bíblia em mãos e, mais uma vez, podemos observar pássaros em um segundo plano. Acreditamos que isso se deve ao fato de Anchieta ser também conhecido, assim como São Francisco, como alguém que se comunicava com os animais. Diversas outras representações imagéticas trazem Anchieta conversando e/ou pregando para os bichos, que, segundo o conhecimento popular, o obedeciam com tamanha devoção.

Anchieta ou O Evangelho nas Selvas e sua crítica

Volve a teu negro exílio de amarguras,
Oh! Desgraçada musa! Às turvas ondas
Do temeroso mar, onde rebramam
As fúrias procelas populares,
Entrega o pobre esquife, onde guardaste
Teus mais formosos e adorados sonhos!...
A Deus! Nossa missão está completa!
(VARELA, 1875, p. 337)

Anchieta ou O Evangelho nas Selvas é uma epopeia romântica brasileira. Foi publicada após a morte do autor em 1875. Candido (2006, p. 238) afirma que mesmo a epopeia de Varela sendo “datado de 1871, foi com certeza elaborado nos anos imediatamente anteriores, quando abandonou de vez os estudos e a vida da cidade, para desaparecer na fazenda”. Encontram-se relatos de que tenha escrito alguns cantos enquanto bebia em tabernas. Independentemente do “aparente” local que produzia seus versos, ele conseguiu manter por 10 cantos um único motivo poético, bem como a constância da métrica com escolhas vocabulares que permitissem tal feito.

Um exemplo disto é o verso 21, da estrofe IX do Canto II: “dois lustros tinha apenas e dois anos” (VARELA, 1875, p. 57). Esta instância narra o episódio bíblico em que Jesus, ainda pré-adolescente, se perdera de seus pais quando voltavam da comemoração da Páscoa judaica. Após três dias de busca, José e Maria o encontram debatendo os ensinamentos divinos com os sacerdotes no templo. No texto bíblico, no Livro de Lucas, está escrito que Jesus tinha 12 anos de idade, já no verso de Varela, para ele conseguir amarrar a quantidade de versos, desmembra o número doze para “dois lustros” e “dois anos”, assim, não quebrando as sílabas poéticas almejadas. Outro exemplo está na data do nascimento de Cristo no Canto I, estrofe XXIII: “onze meses e dias vinte e quatro” (VARELA, 1875, p. 25). Ele se utilizou da mesma estratégia para manter a fidelidade numérica dos versos.

É um texto, na maioria das vezes, esquecido nos livros de literatura e com críticas que não o favorecem. Contudo, não é possível negar a importância desta obra para a bibliografia de Varela, bem como para o leque de produções românticas do século XIX. Neste poema, encontramos 10 cantos que somam 8.484 versos brancos e decassílabos. Os sete primeiros apresentam um versículo bíblico antecedente ao primeiro verso, que dialoga com o principal assunto abordado na narração do poema. Torna-se evidente a intertextualidade com a Bíblia cristã, não só pelos versículos como também pelo conteúdo. Cada Canto apresenta estâncias enumeradas por algarismos romanos. Não há um número fixo de estâncias em cada um, como também não há uma constância na quantidade de versos. Podemos encontrar estâncias com apenas 4 versos, como é o caso da estrofe XXX do Canto IV, ou com 430 versos, na estrofe XIV do Canto II.

A matéria épica do texto é a cristianização do povo indígena nas selvas, assim como sua dominação social e cultural. É um projeto ousado, visto que tem como objetivo poetizar a catequização dos primeiros habitantes brasileiros, situados em Piratininga, narrando a vida e morte de Jesus. Ao longo dos versos, observamos que os nativos não atuam ativamente na narrativa. Segundo Friedlein (2020, p. 25), os indígenas, “sejam já cristianizados ou ainda ‘selvagens’, nunca são mostrados exercendo nem a sua própria tradição cultural, nem a novamente adquirida”.

Há dois heróis: Jesus Cristo e José de Anchieta. O primeiro é o salvador da humanidade, e o segundo é o responsável por salvar as almas dos autóctones levando ao conhecimento deles, a vida e morte do Nazareno. Para Ramalho (2004, p. 312), Cristo é “o herói épico natural mais importante do Ocidente e, por que não dizer, do mundo”. A pesquisadora ainda justifica tal afirmação, exemplificando com a datação do tempo, a saber: a.C. e d.C. (antes e depois de Cristo, respectivamente). Isto promove a inserção de Jesus Cristo no campo histórico, e não mítico, já que a marcação temporal é presente na história dos homens. Desse modo, inferimos que o Messias habita concomitantemente os dois planos.

Moisés (2012, p. 457) afirma que a epopeia de Varela move “o autêntico sentimento religioso como a exprimir a conversão final, catarse redentora, a entrega total à fé cristã”. Massaud Moisés ainda diz que o intuito do poeta era de produzir uma narrativa brasileira que se diferenciava das produções indianistas da época, por este motivo, a obra teria como foco a peregrinação de Cristo entre cenários brasileiros e personagens indígenas. Moisés (2012, p. 458) não se mostra entusiasmado com *Anchieta ou o Evangelho nas*

Selvas, quando fala que o resultado é um poema sonolento, “cujo argumento [...] dificilmente poderia ser desenvolvido sem arrastar para o já-visto e para as digressões”. O crítico ainda ressalta que a obra é incolor e com raros momentos “de força criativa ou brilho imaginário”.

Apesar de o título do poema trazer à tona a figura do Padre Anchieta, ao terminar a leitura da obra, chegamos à conclusão de que ele não está em primeiro plano. Praticamente não aparece no texto, a não ser pela voz da narração dos fatos da vida de Cristo. Ele é o portador da palavra cristã. Comparando à presença do Messias, as poucas ações do padre quase passam despercebidas. Friedlein (2020, p. 33), a este respeito, afirma que “em vistas de tantas ausências, forçosamente há-se de chegar à conclusão de que o Anchieta de Fagundes Varela é sobretudo uma outra coisa: ele é o narrador de Cristo”. Para o leitor que não tem informações preliminares da história, frustra-se quando espera ler fatos heroicos do “apóstolo nas selvas”.

Ramalho (2018, p. 67) afirma que uma estratégia de Varela para aproximar os heróis na narrativa é o fato de ambos terem a mesma idade: 33 anos, é curioso também quando sabemos que Varela tinha 33 quando encerrou a escrita da epopeia. Ainda diz que “a ênfase do poema está no Cristo Pregador e o paralelo que se estabelece é: assim como Jesus pregou para o povo de seu tempo, Anchieta pregará para os índios brasileiros, a fim de catequizá-los” (RAMALHO, 2018, p. 67). Por outro lado, também percebemos uma aproximação do jesuíta a João Batista, primo e mensageiro de Cristo na terra. A figura de Batista é significativa na obra, sendo citado algumas vezes. Relacionando as funções de cada um, pensamos ser possível que Anchieta esteja mais próximo da missão de João do que da Cristo, visto que estes dois proclamam as “boas novas” e a vinda de Jesus à Terra.

Para Friedlein (2020, p. 32), o poeta se apropria de um discurso “com irritantes doses de retórica” fazendo com que seu texto não converse com o contexto dos nativos. Os indígenas são os ouvintes das narrações de Anchieta, ele, por outro lado, não adapta o discurso a sua plateia. Bosi (1994, p. 119), sobre este aspecto, nos diz que o “tom edificante do conjunto acaba toldando a solene pureza da mensagem evangélica, que se desfigura quando tocada pela retórica. Mesmo que esta venha de uma alma emotivamente religiosa como a de Fagundes Varela”.

De fato, se tomarmos como foco a organização do discurso, Varela não conseguiu fazer a aproximação, pois apesar de narrar um Jesus dotado de simplicidade, a escrita do poeta vai de encontro a essa característica. Além deste aspecto, Antonio Candido (2006, p. 239), ao tratar da epopeia de Varela afirma que

a concepção é defeituosa, não havendo relação necessária entre a matéria central (vida de Jesus) e o pretexto de imaginá-la narrada aos catecúmenos por Anchieta, que aparece no começo e no fim de cada canto, em cenas que servem apenas de tributo ao sentimento nacional.

Diferente de epopeias clássicas que valorizam e estimulam a identidade nacional, acreditamos que a obra vareliana é uma epopeia sacra e não objetiva o sentimento de identidade nacional, por outro lado, ela

fomenta a espiritualidade do leitor. Para Levin (2003), é curioso o fato de Varela ter se dedicado a um texto catequizador quando havia uma crise religiosa e um período de fortes acusações contra a Igreja.

Não deve ter sido fácil elaborar um poema desta natureza. Candido (2006, p. 239) considera que a parte relativa ao Evangelho tem coerência, porém “frouxamente amontoados”, ligados à segunda parte que é a catequização indígena. Esta, por outro lado, não corresponde ao esperado, pois os aborígenes não têm presença significativa, a exemplo de Nahyda que atravessa os cantos, “morre com um sopro” sem que tenha sido explorada na narrativa. Friedlein (2020, p. 36. Grifo do autor) diz que as três instâncias de fala que o texto apresenta (Jesus, Anchieta e a voz narrativa) “circunscrevem-se cada uma ao seu mundo sem formarem juntas uma *história*, nem da salvação nem poetológica”.

A recepção negativa de *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas* não é de agora. Após a sua primeira publicação, encontramos no Jornal Epocha de 1875, comentários que não faziam jus à obra. Abaixo transcrevemos a fala do jornal escrita por A. Cadmus:

todos os que viram finar-se o infeliz Varella, não lerão sem assombro o poema que o Sr. Passolo acaba de editar. Como essa inteligência poderosa resistiu às desordens de todo o gênero, aos excessos incríveis em que o poeta gastou a sua curta existência? A verdade é que os versos não se ressentem dos abalos físicos, que fizeram dos últimos anos do poeta brasileiro, uma generosa concessão da morte ao gênio. Os versos têm a harmonia, a fluência, a escolha de vocábulos, a simplicidade e a elevação dos *Cantos e Fantasias*. Alguma vez levado por imitação a exagerar o cinismo e a revoltante sensualidade da *Noite na Taverna*. Varella, como Azevedo, teve a musa melancolia e poetisa, e o fundo de sua inspiração revelou-se melhor quando, através de sua vida de boêmio, desapareceu-lhe da memória a literatura da escola, e ele ficou só consigo mesmo. *O Evangelho nas Selvas* é uma obra espontânea, em que se pode reconhecer o talento puro, sem reflexo estranho, do infeliz autor do *Cântico do Calvário*. Nesse livro é preciso não buscar nem um verdadeiro poema, nem um perfil de Anchieta, nem uma tradução do Evangelho, nem a figura de Jesus: é preciso não pedir-lhe mais do que o poeta nos podia dar: quem não se contentará com essa onda de fresca e límpida poesia?

São 146 anos depois de tal notícia do jornal, porém ainda hoje nos deparamos com críticas e teóricos que não reconhecem a importância de Fagundes Varela para a literatura brasileira, em especial ao Romantismo. Isso se percebe ao ler a fortuna crítica dedicada ao poeta. Poucas páginas são encontradas destinadas a ele, não encontramos, na maioria das vezes, nas livrarias exemplares de sua obra. Entendemos que há textos de Varela que, segundo a crítica, são dotados de uma excelência, como o *Cântico do Calvário*, também reconhecemos que há, no nosso ponto de vista, situações na epopeia dedicadas a Anchieta e Jesus, que não a favoreceu como a pouca interação dos indígenas, a escassa atuação de Anchieta, a falta de elementos que ativassem o nacionalismo brasileiro, o rebuscamento vocabular e retórico que não combinam com o que esperamos ser o discurso simples de Cristo ou a preleção de Padre Anchieta aos nativos. Contudo, destacamos que tais “problemas” relatados dizem respeito a nossa expectativa de leitura e não minimizam a grandeza da produção de Varela. Ele, dentro de suas limitações, conseguiu escrever mais de 8 mil versos decassílabos com riqueza poética e demonstrando conhecimento técnico literário. Independente de

acharmos que faltam alguns aspectos no poema, é irrefutável a beleza apresentada no texto, bem como o modo que ele entrelaça situações da vida de Jesus (antes e depois do seu nascimento) com contextos de vivência histórica do padre.

A presença dos heróis na narrativa

Jesus predica, Anchieta narra, e o Eu canta poeticamente:
Jesus Cristo possui a simplicidade nas suas parábolas e sermões,
Anchieta a magia da sua narração,
e o Eu a inspiração da poesia.
Roger Friedlein

4.1 O redentor das Selvas

Ao nos depararmos com o título do poema épico em estudo, vem-nos à mente a imagem do padre e sua missão de catequização. Contudo, durante a leitura, percebemos que a sua presença não se dá de forma direta na maior parte do texto. Ela é constante, porém por meio da narração da vida do segundo herói: Jesus Cristo. O missionário, enquanto personagem, aparece geralmente no início e final de cada canto. Tal recurso é bem interessante, pois contextualiza o espaço e o modo em que José de Anchieta cumpre seu papel de preletor da palavra divina, que aprendeu desde cedo, como é colocado no verso 38 da estrofe II do Canto I: “as maravilhas que aprendeu, criança, / dos santos lábios de ministro santo”.

Abaixo segue um exemplo de como se inicia a reunião com a presença do missionário na estrofe XI do Canto I, formada por 22 versos:

O homem do Evangelho se encaminha
Para o meio das gentes reunidas
[...]
À medida que o mestre se aproxima.
Sobre grande fogueira a chama brilha,
Robustas mãos arrastam duros cepos;
Outras mais frágeis pelo chão estendem
Lisas, moles esteiras, ramas frescas;
Ajoelham por fim, e o missionário
Para a imagem de Cristo se voltando
Repete as santas orações da noite.
Da noite as orações já terminadas,
As gentes abençoa, e então começa
Da Redenção a história sacrossanta,
Que a musa do poeta ornou de flores,
Tristes flores sem viço e em perfumes
(VARELA, 1875, p. 13).

Neste exemplo, podemos inferir que Anchieta vai até o lugar de reunião dos nativos — “o homem do evangelho se encaminha” —, aparentemente um lugar dentro das selvas e não numa igreja ou construção⁴.

4 Ainda neste Canto, na estrofe II, temos mais referências do local das reuniões, a saber: “que volva aos belos tempos que passaram, / e desvende o painel das matas virgens, / e mostre as multidões das grandes praças, / o ajuntamento de selvagens tribos” (VARELA, 1875, p. 6). É após a pregação que ele retorna à igreja, como vemos em “- Um momento depois, sozinho e mudo / retira-se ao modesto santuário” (VARELA, 1875, p. 78).

Ainda sobre as observações deste fragmento, vemos que o turno da pregação é a noite, por isso o uso da fogueira. Há diferentes idades no público — “robustas mãos arrastam duros cepos; / outras mais frágeis pelo chão estendem” — remetendo a pessoas mais velhas e mais jovens; também vemos que o missionário realiza uma missa diante da imagem de Cristo presente para só depois iniciar a história de Jesus. É interessante ressaltar também que o narrador nos diz que a musa que é a responsável para inspirar o poeta, ornou com flores “sem viço e sem perfumes”, nos antecipando ao teor triste da história.

O fragmento acima mostra o início da narração com o ajuntamento dos indígenas, no final do Canto I, nas estrofes XL a XLI há a finalização, por hora, da pregação. Lendo estas instâncias, temos as informações que a reunião atravessa a madrugada até a manhã do dia seguinte, “calou-se o pio Mestre. A madrugada / vinha nascendo lúcida e serena” (VARELA, 1875, p. 43); “- irmãos é dia! – o missionário exclama” (VARELA, 1875, p. 43); o dia dos encontros “no dia do Senhor voltai de novo” (VARELA, 1875, p. 44), ou seja, no domingo. No final do Canto II, vemos a mesma cena se repetindo, o padre despede a multidão, reitera o convite para o próximo encontro: “- Ide em paz meus irmãos, Deus vos conduza, / - Fala; depois se erguendo: - Ide tranquilos; / no próximo domingo vos espero / para seguir do Salvador a história” (VARELA, 1875, p. 78).

Já na estrofe XLII, do Canto I, pela primeira vez aparece a figura de Nahyda, descrita como uma inocente nativa e muito querida do padre. É na casa dela que o missionário vai ao findar sua fala, observa-se isto em: “levanta-se Nahyda e, ambos caminham / para a afastada, mísera choupana, / onde a mãe da inocente, cuidadosa, / grosseira refeição prepara, e espera / a delicada filha e o sábio mestre” (VARELA, 1875, p. 45). São nestes momentos de início e fim do canto que encontramos a presença do José de Anchieta; nos demais, a sua aparição se dá pela voz narrativa.

Dessa maneira, foi levando em conta as tantas representações de Anchieta, que elencamos aqui algumas retomadas realizadas em *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*. Considerar tais adjetivações é compreender de que maneira se constrói, há décadas, o imaginário de Anchieta:

1. “*De sábio missionário, em idas eras [...]*” (VARELLA, 1875, p. 7)
2. “*Espírito do apóstolo das selvas!*” (VARELLA, 1875, p. 12)
3. “*Austero missionário*” (VARELLA, 1875, p. 12)
4. “*O homem do Evangelho se encaminha*” (VARELLA, 1875, p. 13)
5. “*Mestre*” (VARELLA, 1875, p. 13)
6. “*Ministro de Deus*” (VARELLA, 1875, p. 52)

Em uma primeira leitura desatenta, é possível o leitor pensar que o missionário não se faz presente de modo efetivo, mas ele está em todos os momentos que Cristo aparece, além dos que relatam as passagens históricas do jesuíta. Sem Anchieta, seria impossível que os nativos pudessem conhecer o herói messiânico e, por este motivo, ele se faz importante em toda a epopeia.

4.2 O redentor do mundo

A figura de Jesus está presente em todo o tempo, sua vida é narrada antes de seu nascimento até sua ressurreição. Assim como Anchieta, há uma série de expressões que retomam o herói cristão, como

1. “filho do onipotente Deus” (VARELLA, 1875, p. 6);
2. “Mestre” (VARELLA, 1875, p. 7);
3. “redentor do mundo” (VARELLA, 1875, p. 11);
4. “vencedor da morte” (VARELLA, 1875, p. 14);
5. “filho de deus” (VARELLA, 1875, p. 18);
6. “rei dos reis” (VARELLA, 1875, p. 40);
7. “sacrossanto filho” (VARELLA, 1875, p. 40);
8. “rei dos judeus” (VARELLA, 1875, p. 72);
9. “Salvador” (VARELLA, 1875, p. 78);
10. “profeta nazareno” (VARELLA, 1875, p. 106).

A narrativa segue em ordem cronológica os passos, ações e milagres do Nazareno. Chama-nos atenção a forma com que são representadas as suas características físicas, ele é colocado como uma pessoa branca, fato que está no imaginário ocidental. Tal estereótipo não condiz com a realidade, pois se imaginarmos que Jesus nasceu na terra dos judeus, é provável que ele não fosse branco e nem loiro como apresentado nos versos “que da rósea criança o berço guardas” (VARELLA, 1875, p. 6) ou “do afortunado, loiro Nazareno” (VARELLA, 1875, p. 57) e nas reproduções cinematográficas e pictóricas que circulam até hoje. De modo contrário, a imagem de Satanás é negra como vemos em: “Então da sombra de espinhosa sarça, / Sinistra e pavorosa levantou-se, / Maculada de sangue, e lodo e cinzas, / Negra, hediondamente mutilada / De satanás a esqualida figura! (VARELLA, 1875, p. 63).

Dentre as narrativas relacionadas a Jesus, a estrofe XIV, páginas 63 a 77, do canto II é a maior de todo poema. Ela contém 430 versos. Esta instância trata do episódio do jejum de 40 dias e a tentação que sofrera do próprio Satanás. Acreditamos que esta quantidade não seja aleatória, ela é propositadamente longa. A passagem do tempo é relativa, quando estamos em uma situação de perigo ou dor, a sensação é de que ele passa mais demoradamente, em contrapartida, não percebemos o horário quando estamos nos divertindo ou em momentos de satisfação. A depender da situação, 40 dias podem ser um tempo curto ou longo. Jesus estava sozinho no deserto, privado de alimentos. No texto bíblico, no livro de Lucas, nos treze primeiros versículos do capítulo 4, temos a narração das ações ocorridas nestes dias. É um texto curto que de modo direto menciona que Cristo foi tentando 3 vezes para satisfazer os desejos da fome, das riquezas e da imortalidade, resistindo às três propostas satânicas.

Já na construção de Varela, dada a intensidade poética e a descrição dos fatos mediante imaginação própria do autor, imergirmos e nos juntamos a Jesus nesta situação. De certo, para alguém que estava com fome e isolado, 40 dias é muito tempo. A expressão “quarenta dias” é mencionada cinco vezes nos dez primeiros versos, inteirando a marca temporal. Tal sensação é percebida pelo leitor do poema ao ler todos

os 430 versos: é demorado finalizar a estrofe assim como passar pelos 40 dias de fome no deserto. É interessante perceber a criação de imagens construídas pelo poeta, ele nos faz ver de modo cinematográfico a cena da tentação com mais detalhes que o do texto bíblico. Na estrofe em estudo, Satanás não só fala a Jesus que lhe daria todos os reinos, como está escrito na Bíblia, mas é posto um diálogo em que o adversário de Cristo tenta convencê-lo a aceitar as terras e as riquezas, descrevendo-as intensamente. Assim sendo, conseguimos ter a dimensão do processo de tentação que o Messias passou.

Outra situação criada por Varela é curiosa. Na terceira tentação, Cristo se apoia em Satanás e voam para Jerusalém como vemos nos versos: “te levarei mais perto... – Quero, vamos! / Ihe responde Jesus. – Nos largos ombros / Satanás o sustem, sacode asas / Eleva-se do chão e ganha espaço” (VARELA, 1875, p. 76). O texto original não faz menção de tal feito, apenas narra que “o Diabo levou Jesus a Jerusalém” (BÍBLIA, 2011, Lc 4, 8). Com estes exemplos, percebemos a habilidade de Varela para criação de imagens que promovem a imaginação de seus leitores, fazendo com que eles consigam sentir a cena e experimentar do mesmo que o personagem.

Jesus é descrito no texto como aquele que sabe usar as palavras, elas são doces e simples e reproduzem os ensinamentos de Deus. Consegue ser conciso e cativante. Nos fragmentos abaixo conseguimos visualizar tais características:

A graça, a discrição, em belas máximas
dimanam de seus lábios. A doçura
da palavra eloquente, os gestos meigos
a expressão inefável dos olhares,
cativam corações, que ardentes buscam
(VARELA, 1875, p. 56).

As formosas parábolas, unguidas
Da mais suave e doce poesia,
Os singelos painéis, onde a verdade,
Simples como a expressão da natureza,
Os mais rudes espíritos cativa,
A linguagem concisa, porém bela
Do divino pastor, melhor ensinam
Do que das sinagogas orgulhosas
As extensas lições, e os vãos discursos
(VARELA, 1875, p. 179).

Por outro lado, Jesus também teve momentos coléricos tratados na narrativa. No canto VII, estrofe X, Cristo, ao se deparar com vendedores à porta do templo, os expulsa violentamente:

Do grandioso, esplêndido edifício,
Jesus parou, relanceando os olhos
Sobre o povo sacrílego, avaro,
E não mais dominando a justa cólera,
Salta, as caixas derriba, as mesas quebra,
Toma um rolo de cordas retorcidas,
Cai sobre os detestáveis mercadores
E os expele pelo templo
(VARELA, 1875, p. 227).

A epopeia de Varela é extensa, por este motivo não é viável descrever ou analisar aqui cada ação de Cristo e de Anchieta. Ao findar a leitura do poema, podemos experienciar suas qualidades e o esforço do poeta para fundir em um só texto, os planos histórico e mítico.

Considerações Finais

Buscar uma compreensão mais ampla acerca da obra em análise é caminho preciso para entendermos de que maneira a dimensão histórica e a dimensão poética ora se casam, ora se confundem, ora se distanciam. A história nos relembra nossas origens, o texto literário favorece o voo. As interpretações aqui expostas, ainda que toquem em diversos aspectos, confluem para uma mesma via: não há como negar a literatura ou destroçá-la em críticas sem que consideremos o fato de que estamos falando sobre. Se há tempo e energia voltados a um texto, ali reside potência. A despeito das diversas críticas que trazem as falhas e as lacunas presentes em *Anchieta e o Evangelho nas Selvas*, a importância de Fagundes Varela para a produção poética brasileira é evidente. Um poeta jovem e intenso que conseguiu se manter vivo e estudado até hoje. Ler sua produção é mergulhar na beleza da poesia, mesmo que ela apresente temas “como a morte do filho a dor maior de sua vida” (CAVALHEIRO, 1943, p. 29). Há em *Cântico do Calvário*, o equilíbrio da forma, a exatidão das imagens e “a sinceridade dolorida dos sentimentos expressos” (CAVALHEIRO, 1943, p. 29).

O poema épico foi uma obra de fôlego para escrever e, conseqüentemente, para ler. O autor une o contexto dos nativos na voz e vivências do missionário aliado à historiografia da vida de Jesus. Ter construído os cantos com as falas do padre chamando para conhecer a história do Messias e despedindo o seu público, reforçando o convite para o próximo encontro, foi um recurso bem elaborado para conectar os planos da narrativa. Criar paralelos entre Anchieta e Jesus como “salvadores” e Anchieta e João Batista como anunciadores do Mestre traz a aproximação esperada. Independente de questões levantadas por diferentes críticos, só na leitura individualizada que cada pesquisador ou leitor que se dispõe a conhecer o processo criativo de *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas*, se poderá de fato sentir o seu valor.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Poética**. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. A experiência de Ulisses: nota sobre um tema utópico perdido. **MORUS** - Utopia e Renascimento, nº. 7, 2010. p. 15-25.

CADMUS, A. Anchieta ou o Evangelho nas Selvas. **A Epocha**: Fantasias, Romances, Lettras, Theatros, Bellas-artes. Rio de Janeiro, 1 dez. 1875, p. 15.

CALIXTO, Benedito. **O poema de Anchieta**. 1901. (1 original de arte), óleo sobre tela. Disponível em: <<https://marsemfim.com.br/jose-de-anchieta-e-um-naufragio-historico-em-abrolhos/>>. Acesso em: 9 jul. 2021

CALIXTO, Benedito. **Retrato do Padre José de Anchieta**. 1902. Óleo sobre tela. Disponível em: <<https://www.descalvadonews.com.br/noticias/2014/abril/04anchieta.htm>>. Acesso em: 9 jul. 2021

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Momentos decisivos, 1836-1880. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006.

CAVALHEIRO, Edgard. Notas sobre Fagundes Varela. **Revista Luso-Brasileira**, nº 3. Lisboa, SPN/DIP, 1943.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1986.

FRIEDLEIN, Roger. Narrador e poeta em Fagundes Varela: Anchieta ou o evangelho nas Selvas. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Niterói, v. 22, n. 40, pp. 25-39, mai./ago. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rblc/a/V3PsGVSRCHJx7jRxHyjQDRg/?lang=pt>>. Acesso em: 9 jul. 2021

LEVIN, Orna Messer (Org.). **Cantos e Fantasias e outros cantos de Fagundes Varela** (org. introd. e notas). Coleção Poetas do Brasil. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. v. 1.

MOISSÉS, Massaud. **História da literatura brasileira, volume I: das origens ao romantismo**. São Paulo: Cultrix, 2012.

PETERSON, Eugene H. **A mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea**. São Paulo: Editora Vida, 2011.

RAMALHO, Christina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal**. 2ª ed. Natal: Lucgraf, 2017.

RAMALHO, Christina. Epopeia e religião: fronteiras entre mito e história. **Letras Escreve**, Macapá, v. 8, n. 3, p. 59-74, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/40408541/Epopeia_e_religi%C3%A3o_fronteras_entre_mito_e_hist%C3%B3ria>. Acesso em: 9 jul. 2021

RAMALHO, Christina. **Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres**. 2004. XXX p. Tese (Doutorado em Letras, Literaturas da Língua Portuguesa, PUC/RJ) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Dominique. **Grandes epopeias da antiguidade e do medievo**. Blumenau: Edifurb, 2014.

SILVA, Anazildo Vasconcelos; RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SILVA, Anazildo Vasconcelos. **Formação épica da literatura brasileira**. São Paulo: Paco, 2017.

VARELA, Fagundes. **Anchieta ou o Evangelho nas Selvas**. Rio de Janeiro: Imperial, 1875.